



CEBOLA: O FRUTO DO CONHECIMENTO: UMA METÁFORA PARA A PEDAGOGIA DA PLURIDIVERSIDADE

ONION: THE FRUIT OF KNOWLEDGE: A METAPHOR FOR THE PEDAGOGY OF PLURIDIVERSITY

CEBOLLA: EL FRUTO DEL CONOCIMIENTO: UNA METÁFORA PARA LA PEDAGOGÍA DE LA PLURIDIVERSIDAD

 <https://doi.org/10.56238/levv17n56-056>

Data de submissão: 26/12/2025

Data de publicação: 26/01/2026

Geraldo José Sant'Anna

Master Degree em Multifocal Psicology

Instituição: Florida Christian University - Estados Unidos, Centro Paula Souza

E-mail: geraldo.santanna@cps.sp.gov.br

ORCID 0009-0000-2130-8731

Angela Teresa Freneda da Silva

Mestre em Educação

Instituição: Centro Paula Souza

E-mail: angela.silva@cps.sp.gov.br

RESUMO

Você já se deteve em observar uma cebola, explorá-la, conhecê-la? Em geral, cortamos, picamos, saboreamos, mas não nos atentamos à sua composição e estrutura. Nossa intenção é conduzir o leitor a uma metáfora: cebola – o fruto do conhecimento. O que é o conhecimento se não a sobreposição de saberes teóricos, práticos e habilidades socioemocionais? Claro, podemos distinguir as camadas, separá-las, didaticamente, e isso pode ocorrer sob diferentes perspectivas: gestão da sala de aula; gestão do perfil dos alunos; gestão escolar; gestão de gente. As camadas, túnicas, escamas ou catáfilos se interconectam. Podemos analisá-las em suas particularidades, mas uma cebola não é apenas uma de suas camadas. A escolha da cebola para nosso exemplo não se restringe à essa questão. Cebola é sinônimo de diversidade. A cebola sintetiza o trabalho interdisciplinar. Seus catafilos, metaforicamente, representam os componentes curriculares/ disciplinas. São importantes em sua individualidade, mas apenas juntos são a cebola. Certamente, a metáfora da cebola pode se metamorfosear em troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera e exosfera, ou poderíamos recorrer a uma dezena de outras situações comparativas que elucidem o tema. O cerne da questão é que entendemos que o principal agente de mudança se concentra no professor e nas ações didático-pedagógicas que se constroem, cotidianamente, na escola. Os avanços tecnológicos são evidentes e não podemos olvidar as significativas contribuições das tecnologias da informação e comunicação, do ensino híbrido, do ensino online (edtechs) para a aprendizagem dos indivíduos, mas a interação professor-aluno ainda constitui elemento fundamental para que o ciclo de ensinar e de aprender se complete com eficiência. Entretanto, não nos referimos ao professor enquanto individualidade, mas o organismo educacional que esculpe a escola.

Palavras-chave: Conhecimento. Saberes Teóricos. Saberes Práticos. Habilidades Socioemocionais. Professor.



ABSTRACT

Have you ever stopped to observe an onion, explore it, get to know it? Generally, we cut, chop, and savor it, but we don't pay attention to its composition and structure. Our intention is to lead the reader to a metaphor: the onion – the fruit of knowledge. What is knowledge if not the overlapping of theoretical and practical knowledge and socio-emotional skills? Of course, we can distinguish the layers, separate them didactically, and this can occur from different perspectives: classroom management; student profile management; school management; people management. The layers, tunics, scales, or cataphylls interconnect. We can analyze them in their particularities, but an onion is not just one of its layers. The choice of the onion for our example is not limited to this issue. Onion is synonymous with diversity. The onion synthesizes interdisciplinary work. Its cataphylls, metaphorically, represent the curricular components/disciplines. They are important in their individuality, but only together are they the onion. Certainly, the onion metaphor can be transformed into the troposphere, stratosphere, mesosphere, thermosphere, and exosphere, or we could resort to a dozen other comparative situations that elucidate the theme. The crux of the matter is that we understand that the main agent of change is concentrated in the teacher and in the didactic-pedagogical actions that are built daily in the school. Technological advances are evident, and we cannot forget the significant contributions of information and communication technologies, blended learning, and online education (edtechs) to individual learning, but the teacher-student interaction is still a fundamental element for the teaching and learning cycle to be completed efficiently. However, we are not referring to the teacher as an individual, but to the educational organism that shapes the school.

Keywords: Knowledge. Theoretical Knowledge. Practical Knowledge. Socio-Emotional Skills. Teacher.

RESUMEN

¿Alguna vez te has parado a observar una cebolla, explorarla, conocerla? Generalmente, la cortamos, picamos y saboreamos, pero no prestamos atención a su composición ni a su estructura. Nuestra intención es guiar al lector hacia una metáfora: la cebolla, fruto del conocimiento. ¿Qué es el conocimiento sino la superposición de conocimientos teóricos y prácticos con habilidades socioemocionales? Por supuesto, podemos distinguir las capas, separarlas didácticamente, y esto puede ocurrir desde diferentes perspectivas: gestión del aula; gestión del perfil del alumnado; gestión escolar; gestión de personas. Las capas, túnicas, escalas o catafilos se interconectan. Podemos analizarlas en sus particularidades, pero una cebolla no es solo una de sus capas. La elección de la cebolla para nuestro ejemplo no se limita a esta cuestión. La cebolla es sinónimo de diversidad. La cebolla sintetiza el trabajo interdisciplinario. Sus catafilos, metafóricamente, representan los componentes/disciplinas curriculares. Son importantes en su individualidad, pero solo juntos son la cebolla. Ciertamente, la metáfora de la cebolla puede transformarse en troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera y exosfera, o podríamos recurrir a una docena de otras situaciones comparativas que ilustran el tema. La clave reside en que entendemos que el principal agente de cambio se concentra en el docente y en las acciones didáctico-pedagógicas que se construyen a diario en la escuela. Los avances tecnológicos son evidentes, y no podemos olvidar las importantes contribuciones de las tecnologías de la información y la comunicación, el aprendizaje combinado y la educación en línea (edtechs) al aprendizaje individual, pero la interacción profesor-alumno sigue siendo un elemento fundamental para que el ciclo de enseñanza y aprendizaje se complete eficientemente. Sin embargo, no nos referimos al docente como individuo, sino al organismo educativo que configura la escuela.

Palabras clave: Conocimiento. Conocimiento Teórico. Conocimiento Práctico. Habilidades Socioemocionales. Docente.



1 INTRODUÇÃO

O que é o conhecimento se não a sobreposição de saberes teóricos, práticos e habilidades socioemocionais? Claro, podemos distinguir as camadas, separá-las, didaticamente, e isso pode ocorrer sob diferentes perspectivas: gestão da sala de aula: distinguindo métodos, técnicas, estratégias e tecnologias para ensinar; procedimentos e instrumentos para avaliar e mecanismos para recuperar; gestão do perfil dos alunos: aspectos socioeconômicos, gênero, expectativas, competências socioemocionais, saberes empíricos, acadêmicos, profissionais; diferenças geracionais, estilos de aprendizagem (tudo isso nos transparece outra cebola sendo fatiada!) gestão escolar: clima escolar, coesão da equipe escolar, gestão administrativa, financeira e patrimonial, relação entre escola e família, relação entre escolas e empresas; gestão de gente: aspectos cognitivos, emocionais, intelectuais, relacionais, sociais, psicológicos, biológicos.

As camadas, túnica, escamas ou catáfilos se interconectam. Podemos analisá-las em suas particularidades, mas uma cebola não é apenas uma de suas camadas. A escolha da cebola para nosso exemplo não se restringe a essa questão. Cebola é sinônimo de diversidade. Você já percebeu a quantidade de cores (branca, amarela, roxa, vermelha), sabores (suave, doce, picante), formatos, tamanhos e categorias elas se enquadram?

A cebola sintetiza o trabalho interdisciplinar. Seus catáfilos representam os componentes curriculares/ disciplinas. São importantes em sua individualidade, mas apenas juntos são a cebola. No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições a ele pertencentes (FAZENDA 2005, p. 17). Assim, nossa prática pedagógica nos impulsiona a intensificar o diálogo entre as camadas de conhecimento para que a competência brote vigorosa.

Para que o professor desenvolva um trabalho interdisciplinar, ele deve ter desenvolvido, em si mesmo, saberes interdisciplinares. Essa tarefa não pode ser transferida aos alunos, acreditando-se que ele estabelecerá os elos necessários e modelará o conhecimento visualizando suas amplas conexões. Apesar da antiguidade do assunto, a questão do trabalho interdisciplinar, muitas vezes, vem permeada de equívocos. Exemplo, todos os docentes decidiram que vão falar da dengue. A Geografia faz o mapeamento dos focos, a Biologia aborda o ciclo de vida do mosquito e a transmissão da doença, a Matemática faz os cálculos e gráficos quanto ao número de infectados e óbitos, e assim, sucessivamente. A proposta pode ser válida se planejada de maneira articulada, interconectiva e interessante, sob o risco de que o aluno tenha uma overdose de informações e pouco aproveite do tema, ao contrário, tornando as aulas insuportáveis e desmotivadoras.



As pesquisas se estruturam por meio de perguntas estimulantes e ativação da curiosidade em resolver ou investigar. E como se concebe um trabalho interdisciplinar se os docentes foram, sistematicamente, adestrados a prepararem seus alunos para o uso de antolhos?

Reiteramos a importância da formação docente permanente, recorrendo a possibilidades inerentes ao ambiente escolar e disposição curricular. O estudo de indicadores (qualitativos e quantitativos) e a tomada de decisões conjuntas pelo grupo docente transparece solução simplista e dispensável, mas equivoca-se quem assim deduz. A qualidade das aulas e, nesse aspecto, inclui-se as avaliações e mecanismos de recuperação, tende a aprimorar-se com celeridade, quando nos dispomos a compartilhar ideias.

Algum docente se propôs, em algum momento, solicitar a opinião dos colegas quanto a uma prova escrita que tenha elaborado? É provável que se argumente que é o único docente da disciplina na escola e que os demais desconhecem o assunto. Todavia, as expertises dos colegas poderão contribuir indicando a qualidade do texto (entendimento, interpretação, clareza, coerência), podem indicar outras possibilidades de abordagem, podem sugerir a criação de um elo com a disciplina que leciona. Podemos estar proclamando um ciclo pioneiro de ações em nossa escola.

Claro, algumas escolas podem estar tendo essa atividade ou outras ainda mais elaboradas há vinte anos, tendo procedimentos sistematizados e eficientes, com resultados comprovados e com propostas ainda mais ousadas, mas minha escola pode estar inaugurando esta prática e isso é valoroso! Devemos enfatizar a importância de criar e recriar, ressignificar e inovar. Nossas reuniões são informativas e monótonas ou são momentos de reflexão que geram efetivos planos de ação? O que precisamos mudar? O que temos coragem de rever e redirecionar? O que devemos romper? O que, de fato, funciona no trabalho pedagógico? Posso ouvir os espectros e o colapso silencioso que, sorrateiramente, se instala e corrói os melhores trabalhos? O que devemos manter?

Persistimos no tema, pois os piores males são silenciosos, convivemos com eles e não os identificamos, justamente, por compartilharem nossos dias. A percepção dos problemas intra escolares é o melhor diagnóstico para um planejamento pedagógico estratégico eficiente. Certamente, a metáfora da cebola pode se metamorfosear em troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera e exosfera, ou poderíamos recorrer a uma dezena de outras situações comparativas que elucidem o tema. O cerne da questão é que entendemos que o principal agente de mudança se concentra no professor e nas ações didático-pedagógicas que se constroem, cotidianamente, na escola.

Os avanços tecnológicos são evidentes e não podemos olvidar as significativas contribuições das tecnologias da informação e comunicação, do ensino híbrido, do ensino online (*edtechs*) para a aprendizagem dos indivíduos, mas a interação professor-aluno ainda constitui elemento fundamental para que o ciclo de ensinar e de aprender se complete com eficiência. Entretanto, não nos referimos ao professor enquanto individualidade, mas o organismo educacional que esculpe a escola.



2 OBJETIVO

Apresentar, de maneira clara e agradável, ao docente o conceito de competência, a importância da avaliação nesse contexto, o uso de indicadores para referenciar o trabalho docente, e os principais instrumentos e procedimentos de avaliação que favorecem o mapeamento das competências e como analisar os resultados.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A categorização da pesquisa que embasa este estudo, apresenta-se com finalidade Aplicada, com natureza Qualitativa, e com objetivos Exploratórios e Descritivos (GIL, 2019). Nesta pesquisa aplicada utilizou-se a Metodologia Etnográfica como forma de detalhamento de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos, através da observação.

Dentre as principais características que se pode apresentar para este tipo de metodologia destaca-se o grande interesse pela exploração da natureza de um fenômeno social particular, mais que o interesse por examinar hipóteses sobre eles. Trabalhamos com dados não estruturados, ou seja, dados que não foram codificados em um ponto de sua recolhida, desde uma perspectiva de um conjunto fechado de categorias analíticas. O modelo adotado foi a observação. Utilizou-se as visitas técnico-pedagógicas presenciais, para o preenchimento das fichas de avaliação estruturadas, que foram utilizadas, como proposto, nas reuniões com as Equipes Gestoras das Etecs da Regional de São José do Rio Preto/Central. Da aplicação das fichas de avaliação estruturadas angariaram-se informações qualitativas e quantitativas, consideradas importantes para a compreensão das exigências inovadoras que orientaram o esforço pela adoção de indicadores para referenciar o trabalho docente. Esse tipo de metodologia baseia-se em um processo de recopilação de dados e ao ser pautado dentro da grande área metodológica de cunho qualitativo, resultou em um texto mais pessoal que também se utiliza de evidências empíricas.

4 SUCESSO ESCOLAR, CULTURA LOCAL E AVALIAÇÃO

Indubitavelmente, reside um íntimo relacionamento entre o sucesso escolar e a cultura local, não raro exigindo uma reintermediação e agregação de sua comunidade, desenvolvimento de capacidades internas mais dinâmicas, formação de professores intraempreendedores e a preocupação de dar significado e sentido às coisas.

Technos, diversidade de gênero, profissões que surgem e se extinguem, novas competências, todos os temas ressoam no clima escolar, dentre tantos outros, solicitando que a escola não se coloque à parte das ocorrências mundiais e para as quais os alunos devem ser preparados. A certeza que temos é que são os aspectos humanos que impactam a estratégia que norteia processos de ensino e de aprendizagem.



São as pessoas as únicas capazes de encontrar novas abordagens, posicionamentos, discutir pontos de vista, aprimorar a performance individual e coletiva, promover a sinergia necessária para solucionar conflitos e gerar um clima organizacional favorável. É preciso compreender o todo para que uma avaliação seja eficiente e para que possamos desenvolver soluções para os problemas que vivenciamos ou para os desafios que nos propusemos enfrentar. É preciso nos conhecer para que possamos explorar nossos talentos e capacidades, enfrentar nossas fraquezas, direcionar nossa motivação, sair da nossa zona de conforto, enfim realizar uma análise SWOT de nós mesmos.

Imagine que no processo de seleção para lecionar em determinada escola, além de outros instrumentos, o candidato recebesse um tema que deveria compor sua exposição a uma banca, tendo 5 a 10 minutos para prepará-la, contemplando o uso de estratégias de ensino e avaliação contínua. O tema a ser abordado constitui uma situação-problema a ser discutida com “alunos imaginários” (lembre-se de que a apresentação será para uma Banca de Especialistas). A apresentação teria duração de 15 minutos. A Banca faria anotações, mas não intervenções. Ao final o candidato receberia o feedback. Se você fosse o candidato, como seria seu desempenho?

Se nos concentrarmos nas competências socioemocionais abaixo, requeridas ao professor, como: espírito colaborativo; habilidade de coordenação; autogerenciamento; conhecimento e domínio dos assuntos que ministram aulas; capacidade de mediação (capacidade de decisão e julgamento); responsabilidade social; pesquisa (ser um pesquisador); sensibilidade; flexibilidade; resiliência; ética; empatia; liderança; comunicação; comprometimento; paciência; tenacidade; gerenciamento do tempo; multitarefa; negociação; conhecimento inter e multicultural; competências digitais (soft skills); visão interdisciplinar; capacidade de aprendizagem ao longo da vida; como você se autoavalia?

Para facilitar sua análise disponibilizamos os seguintes parâmetros: competência que precisa ser adquirida; conhecimento do assunto com capacidade de aplicação sempre que requerido; conhecimento do assunto com capacidade de aplicação apenas em situações não complexas; conhecimento do assunto com capacidade de aplicação somente se associado às outras competências; competência plenamente desenvolvida.

Estas questões induzem-nos ao autoconhecimento, fundamental para que possamos atuar em harmonia com nós mesmos, descobrirmos e investirmos em nossas potencialidades, superar aspectos não desenvolvidos, estudar, pesquisar e aprofundar-se nas práticas que promovam maior interação e crescimento coletivo da escola em que atuamos.

Essas e outras questões propõe que reflitamos, de maneira mais concreta, sobre o trabalho docente e de que forma ele tangencia ou influencia a formação acadêmica, profissional e pessoal de nossos alunos. Nossas aulas não esculpem apenas competências técnicas, conhecimentos teóricos ou debate de ideias, nós inculcamos valores, estimulamos comportamentos e posturas, motivados ou cerceamos caminhos.



Nessa perspectiva, uma aula extrapola a ação de abrir um livro em determinada página e dissertar, mesmo que entusiasticamente, sobre o assunto. Logo, algumas ponderações devem integrar nosso planejamento individual de atividades, tendo em vista a função da gestão coletiva do aprendizado do aluno.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola pode e deve auxiliar o aluno a planejar-se, planejar seu futuro e sua própria história de vida. Mesmo perante ambientes adversos, o aluno pode superar limitações físicas e sociais, crenças limitantes, lacunas e dificuldades de aprendizagem e redirecionar sua vida pessoal. Suas aptidões, capacidades, inteligências e talentos podem ser mobilizados. Algumas vezes o senso de propósito é ausente em nossos alunos: precisamos despertá-lo!

Se podemos sintetizar, em poucas palavras, o abordado neste artigo, podemos assim expressar: aprender fazendo (professores e alunos); as normatizações, regras e diretrizes são fundamentais para sistematização do trabalho pedagógico; a ação, o exemplo e a prática se sobrepõem às palavras e teorias; o aprendizado se constrói e consolida, cotidianamente (não há como aprender apenas estudando para a prova final); os feedbacks de aprendizagem não visam acentuar o erro, devendo ocorrer com comentários apropriados, consistentes, individual ou coletivamente, respeitando-se a pessoa do aluno; clima de aprendizagem, motivação, curiosidade e interesse ainda constituem as chaves mestras de todo processo de ensino e de aprendizagem; a criatividade somente floresce em situações de aprendizagem planejadas, respeitando-se características e espaço-tempo do aluno; estudar e pesquisar com autonomia é um hábito e uma habilidade; a proficiência docente inspira a aprendizagem dos alunos; as atividades didáticas devem combinar, com consistência e destreza, teoria e prática; a avaliação do desempenho do aluno deve ser constante e diversificada; a produção de relatórios diagnósticos de aprendizagem e criação de planos de ação interventivos ao longo de todo processo educativo escolar; o desenvolvimento de competências consultivas que favoreçam comunicação produtiva com alunos, familiares e colegas de trabalho; a reflexão sobre o próprio fazer pedagógico, seus processos e resultados; o profissionalismo (reconhecer o aluno como indivíduo biopsicossocial, assegurando o planejamento das aulas e do trabalho didático-pedagógico, seleção de métodos adequados, material didático, avaliação coerente e justa dos alunos, apoio e mediação para superação de limitações de aprendizagem); a participação colaborativa em reuniões de planejamento, reuniões de curso, reuniões pedagógicas, conselhos parentais, conselhos de classe, conselho escolar e outras; os objetivos educacionais devem incluir o desenvolvimento de habilidades cognitivas, habilidades intelectuais, habilidades técnicas, habilidades atitudinais e habilidades socioemocionais.

A tarefa docente não é simples, uma vez que exige a articulação de muitas variáveis. Por essa razão requer a conjunção de habilidades diversas (gerenciamento da aula, tecnologias educacionais,



comunicação, métodos de avaliação e sua aplicação, pesquisa), não reiteramos a citação de todas, pois os fizemos, ciclicamente, para que o tema permaneça ativo na superfície de nossas reflexões. A dificuldade, contudo, se esvai quando deixamos de assumir a responsabilidade de maneira solitária.

Compartilhar não é apenas um recurso disponível nas redes sociais, podemos utilizar o mecanismo em todas as oportunidades disponibilizadas no ambiente escolar. As reuniões de planejamento, reuniões de curso, reuniões pedagógicas e outras são momentos relevantes para micro aprendizagens entre os docentes, socializações, trocas, produção de artigos e planejamento de ações integradoras ou interdisciplinares.

Chamaremos de micro aprendizagens as miúdas oportunidades para reflexões e desenvolvimento de habilidades docentes. Inclusive, um bate-papo durante o cafezinho. O ensino é uma ação multifacetada, abarcando fatores contextuais (clima, ambientes de aprendizagem e instalações), causalidades (a gestão da aula) e consequências (desempenho e evolução do aprendizado do aluno).

Não podemos inserir no contexto escolar a proposta da criatividade e do empreendedorismo, da inovação e da originalidade, das mudanças nos ambientes de aprendizagem, na formação de professores, se não tratarmos da autonomia, da autoconfiança, da consciência social e dos relacionamentos interpessoais. Inegável que o conhecimento acadêmico não pode continuar apartado das habilidades técnicas e socioemocionais. Similarmente, é preciso repensar espaços e procedimentos para que essas coisas aconteçam.

Um bom caminho é a equipe exercitar a descrição das competências socioemocionais a serem observadas, de maneira a eximir-se, ao máximo, de subjetividade (embora sejamos, invariavelmente, aprisionados pelo visgo de nossos valores, crenças e expectativas). É relevante que a equipe pedagógica enumere as competências, atividades e ações previstas (evidências de desempenho) possíveis de serem observadas. O conjunto de características que integram a competência (saberes teóricos, habilidades técnicas, atitudinais e socioemocionais) se manifestam nas situações de trabalho, seja no trabalho de aprendizagem, na produção do aluno e na produção docente. Dessa forma, é possível delimitá-la em um campo de observação. Podemos retratar uma pessoa em suas qualidades pessoais e profissionais, em dada situação elaborada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com este trabalho possibilitar, tanto ao docente quanto ao aluno, a construção de um projeto de desenvolvimento profissional e investir no planejamento pessoal, a partir dos interesses, motivações, experiências, talentos e outros dados e informações conquistadas pelo exercício do autodiagnóstico e discussões coletivas. A cada atividade definida podem ser associadas uma relação de perguntas que favoreçam a análise do indivíduo, caso se opte pelo recurso da entrevista, de uma



dinâmica de grupo ou discussão conjunta do desenvolvimento de cada competência elencada. A qualidade das inquirições é essencial para que se possa obter respostas que elucidem a performance do professor ou aluno, evidencie suas habilidades e capacidades, assim como fragilidades e limitações.

Vivenciamos uma escola inclusiva que não acolhe apenas pessoas com determinadas deficiências (visual, auditiva, mental, física ou múltipla), mas também agrupa grupos vulneráveis e/ou marginalizados, dispensando oportunidades a todos os estudantes. O tema nos remete a socialização, ao trabalho em equipe, estimulando diferentes modos de sentir, pensar e agir.

Estamos recomeçando o assunto? Nossa intenção não é traçar um cenário intransponível, mas evidenciar a relevância de investimento nas necessidades educacionais dos professores. A autoaprendizagem é um caminho promissor. Falamos em professores pesquisadores e torna-se intricado disjungir ensino e pesquisa. Quando insistimos na questão da produção do aluno uma das bases se estabelece na autonomia da pesquisa. Isso nos remete a dimensões infra estruturais, profissionais, comunicacionais, relacionais e outras que se fundem, em uma amalgama não fácil de decompor como o fizemos com a cebola.

Esperamos que a leitura deste artigo tenha gerado este permanente circuito, pois ele se faz necessário. Em qualquer idioma que essa pesquisa for feita, em quais experiências internacionais que desejar se basear, vão se reiterar, persistentemente, as mesmas habilidades ou competências socioemocionais, as mesmas buscas e ansiedades, inusitadas e impressionantes experiências e resultados. Já se faz indispensável dissertar sobre sua importância. A cebola, aqui utilizada como metáfora, expõe essas complexidades do processo de ensino e de aprendizagem, não se resumindo a “transmitir” e “absorver” conhecimento, mas uma teia que se ampara pelas interações relacionais, curiosidade, motivação e crença em seu próprio potencial.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei Nº 9.394/96, 20.12.96 (Lei Darcy Ribeiro).

CEGALLA, Domingos Paschoal. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: Uma Prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, BOTERF, G. Desenvolvendo as competências profissionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHACÓN, I. M. G. Matemática emocional. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CUDDY, Amy. Presence: Bringing Your Boldest Self to Your Biggest Challenges. Orion Publishing Co, London, United Kingdom: 2016, 352 pages.

FAZENDA, Ivani Catarina. Arantes. Práticas interdisciplinares na escola. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 214 p.

GIELEN, S., Peeters, E., Dochy, F., Onghena, P. & Struyven, K. Melhorando a eficácia do feedback dos colegas para a aprendizagem. Instrução de Aprendizagem. Volume 20, Edição 4, páginas 304-315, 2010.

GUERRA, M. A. S. Uma flecha no alvo: a avaliação como aprendizagem. São Paulo: Loyola, 2007.

LUNG-HSIANG, Wong, Marcelo Milrad, Marcus Specht: Aprendizado contínuo na era da conectividade móvel. Springer 2015, ISBN 978-981-287-112-1.

MICHAELSEN, L., Bauman-Knight, A., Fink, D. Aprendizagem em equipe: um uso transformador de pequenos grupos no ensino universitário. Sterling, VA: Stylus, 2004.

PERRENOUD, P. Porquê construir competências a partir da escola? Porto: Edições Asa, 2001.

ROMÃO, José Eustáquio. O Ensino Médio e a Omnilaterlidade: Educação Profissional no século XXI. In: EccoS, São Paulo, v.12 n. I, p. 27-49, jan/jun. 2010.

RON, Regilene R. D. Planejamento de Ensino e Avaliação da aprendizagem. Revista Eletrônica de Educação e Tecnologia do SENAI-SP. ISSN: 1981-8270. v.4, n.8, mar. 2010.

SWEET, M. & Michaelsen, LK. Aprendizagem em equipe: o próximo grande passo da aprendizagem em pequenos grupos. São Francisco, Califórnia: Jossey-Bass, 2012.